

### Referências: José Rodrigues dos Santos e Walt Disney

Dou as mãos ao meu querido jornalista José Rodrigues dos Santos e juntos seguimos viagem. Vamos batendo às portas como se fôssemos judeus sem sermos judeus, como se fôssemos hindus ou muçulmanos sem sermos hindus ou muçulmanos. Somos portugueses. Não temos religião. A nossa religião é a Natureza. A nossa religião é vermos sagrados os porcos, as vacas, os bodes, os touros, os carneiros. Somos bodes. Nascermos os dois em cima de um cemitério. Fomos, noutra vida, carneiros. Nascermos com cornos. Sabemos e sentimos a dor que é do quente ferro do mercado sem nunca termos sido carimbados a ferros quentes. Sabemos e sentimos a dor que é de nos cortarem os cornos, de nos cortarem a inteligência sem nunca nos terem tocado nos cornos. Entrámos e saímos com vida dos matadouros. Fomos bater às portas dos matadouros. Olham para nós e veem um Diabo. Não nos fazem mal. Deixam-nos entrar. Convidam-nos para sentarmos com eles às mesas. Comemos com eles, apesar de não comermos o que eles comem. Estamos a negociar com o mercado. Estamos a ditar com a nossa escrita as novas regras. Pegamos n'Os *Autores do Sistema* e declaramos as novas regras. Queremos tirar do mercado os porcos, as vacas e todos os mamíferos inteligentes como o homem com veias em que lhes corre um sangue vermelho. Não somos nós que nos temos de adaptar a esta podre sociedade de ideias. É a sociedade que vai ter de se adaptar às nossas ideias. É a vida, temos pena. Dizem que a vida é um jogo. Há quem faça jogos melhores. O nosso jogo é o melhor jogo de todos. Não há sangue na nossa escrita. É um jogo sem sangue. E por isso, o jogo que vai vencer nesta merda de mercado, vai ser o nosso jogo! Estamos num maçónico jogo. Nas mãos do meu querido jornalista sou só um aprendiz. Num mundo em que os governos são as maçonarias e as empresas, num mundo em que quem governa são as empresas e as maçonarias, é muito importante sabermos pegar no facalhão maçónico como deve de ser para não nos apontarem (para não nos voltarem a apontar) com um facalhão. É importante sabermos jogar limpo para não fazermos sangue. É importante abrímos boas maçonarias e empresas verdadeiramente empáticas e humanas. Sou um aprendiz de ideias. Chamam-me mestre, mas eu não sou mestre. Sou aprendiz. Ainda estou a aprender. Ainda estou a aprender a escrever. A minha escrita é amadora. O meu pensamento é amador. O Universo é imenso. O tempo é precioso. E a vida é sagrada. Não é só dizer que a vida é sagrada. Temos de proteger e ver o sagrado. O sagrado não é deuses que não existem nem religiões inventadas por uma mente perversa e demoníaca que nasceu no século I das ideias pré-concebidas. Estamos no século XXI, caralho! Estamos com a merda de 21 séculos em cima e fazemos ainda a mesma merda que fazíamos no século I. Não podemos ser cabrões! Nós somos uns cabrões do caralho! Eu sou um cabrão. Mas sou um cabrão de um chibo! Sou só um cabrão de um jornalista sem a licenciatura de jornalista. Tirei às ocultas o meu mestrado de jornalismo com a Jupiter Editions. Estou com a Jupiter Editions. Escrevo pela Jupiter Editions. Abri a minha lojinha. A minha lojinha é a Jupiter Editions. Estou a convidar o José Rodrigues dos Santos a entrar na minha lojinha. Quero recebê-lo à porta. Quero dar-lhe as mãos. Quero sentir a minha mão a desaparecer nas mãos dele. 02h36

Querem que eu pare de escrever. Querem pôr-me num jogo, para me cansarem, para eu perder o espírito que tenho. Querem dar-me outro espírito. Querem [des]formatar-me. Querem reprogramar-me. Querem tirar-me a escrita. Dizem que escrevo palavras proibidas. Dizem que sou um tipo perigoso. Não sou. Mas dizem. Dizem que escrevo palavras proibidas. Dizem que a minha escrita é um pouco ofensiva. Não meço as palavras. Não tenho

tempo para as medir. O tempo corre. Eu escrevo sempre em tempo real. Não tenho tempo nem posso voltar atrás. 02h43

Só tenho 6 horas e 66 segundos para escrever às escondidas. Tenho uma bomba-relógio nas mãos. Estou a tentar desarmadilhar a bomba. É uma bomba atômica. Estou no mais perigoso jogo de todos. Ou ligo os fios certos e consigo desarmadilhar a bomba ou a bomba explode. 02h45

9 de janeiro de 2022

Tinha 6 anos. Ainda não sabia escrever. Mas o meu cérebro-realizador já se estava a desenvolver. O meu cérebro-escritor ainda estava adormecido. Com 6 anos vivia e dormia num quarto com os meus pais. Não tínhamos luz. Eu não via TV. Não via desenhos animados. Não vi por isso desenhos animados. Não vi a Disney. Nem li a Bíblia sagrada. Sem luz, não podia ler a Bíblia Sagrada. A avó tinha cortado a luz e a água e trancado todas as outras divisões da casa. Foi uma luta. Foi uma guerra. Assisti a uma guerra entre o meu pai e a minha avó. Deixaram-me de fora. Não me arrolaram como testemunha. Mas o meu pai lá me ia mostrando o Processo do Tribunal como se eu fosse um adulto, como se eu tivesse nascido como por magia com um Código Invisível nas Mãos que me fazia entender a linguagem jurídica. Já posso contar a história, porque a história, o jogo e o teatro já foi escrito, contado e vivido nas mil páginas dos Illumminatti Games. Com o meu cérebro-realizador vi com os meus 6 anos que estávamos todos num Sofisticado e Inteligente Programa Tecnológico de Extensão de Vida, como se todos tivéssemos sido informatizados, computadorizados. Vi que por detrás do computador estava um cabrão, um anormal, um “atrasado mental”, um perturbado, um louco, um estupor, um psicopata. Enfim, com os meus 6 aninhos chamei-lhe em silêncio todos os nomes feios que eu sabia. Vi que ele estava numa cadeira de rodas, usava uns óculos de fundo garrafa, era feio, era feio como tudo, ria-se de forma esquizofrénica, era um louco a rir-se e só com um “enter” parecia que tinha a nossa vida nas mãos. Fazia das nossas vidas um jogo. Era este o “deus” que eu via. Um deus marado dos cornos que tinha programado as nossas vidas e criava guerras físicas, guerras químicas, guerras verdadeiras, guerras de fome, guerras de recursos, guerras de escolas, guerras de psicologia, guerras silenciosas, guerras psicológicas e mentais só para nos ver a sofrer num longo prazer negro dele. O prazer negro era isto, concluía com os meus 6 anos. Este deus tinha escrito uma bíblia horrível com uma história que não fazia sentido nenhum, uma grande seca, que basicamente dizia para nós nos odiarmos a todos e para sermos uns idiotas e sermos todos umas ovelhas num grande rebanho atrás de um pastor que se metia sempre numa infernal orgia e que nós tínhamos de ficar a ver o pastor numa grande orgia com os outros pastores, mas que depois vinha para a igreja dizer que as orgias e o sexo entre os pastores homens era um grande pecado... A história continuava... Até que apareceu no quarto o irmão do “deus”. O irmão viu o programa e o jogo em que estávamos todos metidos, levou o programa e o jogo muito sérios, mandou-lhe duas grandes chapadas e ordenou que o irmão nos libertasse. Mas o “deus” ria-se e dizia que era o “Todo-O-Poderoso” e que não ia nada libertar-nos. O irmão foi chamar a mãe, contou-lhe tudo. A mãe chegou ao quarto em berros que atravessavam o microfone do computador e chegavam

a nós. Sabíamos que uma Mãe Muito Poderosa, uma Força da Natureza, prestes libertar-nos-ia a todos. Enfim... A Mãe Natureza pôs o deus de castigo e o irmão aproveitando o castigo de deus, lá conseguiu com os seus códigos informáticos entrar no programa e inverter o jogo. Virou os 666.666.666 ao contrário. O jogo afinal era fácil. Virou o 9 do 69 ao contrário. Quando virou, fomos libertados: 999.999.999.66.

Bom... Isto é só uma pequenina história da New Disney da Jupiter Editions. Nesta pequenina história sou só o zangado espírito do Walt Disney. Zanguei-me com os números. Zanguei-me com a história dos números. Estou zangado com a simbologia das coisas. Estou a ficar saturado, cansado da simbologia das coisas. Não tenho tempo nem cabeça para a simbologia das coisas. O meu espírito é outro. A minha escrita é outra. Logo a seguir ao filme tentei imaginar todos os espíritos. Fiz uma soma simples de criança e vi que a acreditar em espíritos ou na reencarnação não podia fazer sentido nenhum. Mas tive de “acreditar” para não acreditar mais. Tive de ver, de imaginar, de ver o filme todo, para me libertar do filme, para deixar de ver, para acordar para a realidade. Sabia que muito em breve seríamos 9.9 bilhões de vivos na terra no século XXI. Ora, peguei só num século de vida, peguei só em 100 anos e tentei multiplicar os 9.9 pelos 100 anos... Porque todos os dias morrem pessoas e nascem pessoas. Todos os dias “somos os mesmos”, somos “o mesmo peso na Terra”. Vi um número astronómico do tipo infinito: 999.999.999.66. Ora, isto não podia fazer sentido. Seria uma demasiada carga espiritual. Então formulei uma teoria espiritual. Sabia que eramos átomos de Carbono. Sabia que eramos átomos de carbono. Sabia que estávamos presos ao ciclo do Carbono. Sabia que um átomo de carbono tinha 6 prótons, 6 neutrões e 6 eletrões. Pensei que se estivéssemos num ciclo, então mais átomos de carbono não se podiam criar, senão transformarem-se. Pensei num número. E quando vi esse número, vi que não passávamos de um número. Que nos repetíamos sempre. Havia um ciclo. Estávamos presos ao ciclo do carbono. Tinha só 6 anos. Obviamente que evolui o meu pensamento e libertei-me desse ciclo. Já tenho 29 anos, tenho idade para ter juízo e não dizer nem escrever disparates. Vi com os meus 6 anos que quando morriamos o nosso espírito libertava-se do nosso corpo e penetrava noutro corpo e assim seríamos imortais, pela lógica do ciclo do carbono. Mas ri-me. Os meus pais acordaram-me. Acharam que eu tivesse tido um pesadelo. Perguntaram o que é que eu tinha sonhado. Eu estava acordado no meio deles. Sabia que tinha tido um sonho lúcido. Fiquei em silêncio. No 4º ano, quando fiz os meus 9 anos, escrevi no dia 19 de abril de 2001 A história do deus marado fodido dos cornos atrás do computador sentado numa cadeira de rodas. Simplesmente o meu cérebro-escriptor acordou. Simplesmente escrevi. Achei que tivesse escrito algo errado. Achei que fosse “o Diabo”. Tive medo do que escrevi. Tive medo que dissessem que eu era “o Diabo”. Tive medo de ficar sem amigos. Tive medo. Tive medo que olhassem para mim de forma diferente. Escondi a minha escrita e escrevi outro tipo de coisas muito mais divertidas e “moralmente aceites”. Vivi durante toda a minha vida em casas arrendadas. Nunca tive os meus móveis. Guardava a minha escrita nos móveis que não eram meus. De repente, havia mudanças. E com as mudanças e nas mudanças a minha escrita ia perdendo-se para as mãos de uma pseudo-maçonaria. Quem ditava as regras da minha vida e as mudanças na minha vida era uma pseudo-maçonaria, a chamada por mim “maçonaria dos diabos”. 4h06

«As minhas palavras também são números. Há uma Numerologia nas minhas palavras. Elas nascem às horas certas, nos sítios certos. Quando a Luz me invade, simplesmente escrevo.»